



## Cultura

Revista de História e Teoria das Ideias

Vol. 31 | 2013

A Retomada na Filosofia de Eric Weil

---

# Sentimento, Fé e Reprise em Eric Weil

*Sentiment, Foi et Reprise chez Eric Weil*

Evanildo Costeski

---



### Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/cultura/1826>

DOI: 10.4000/cultura.1826

ISSN: 2183-2021

### Editora

Centro de História da Cultura

### Edição impressa

Data de publicação: 1 Dezembro 2013

Paginação: 153-162

ISSN: 0870-4546

### Refêrencia eletrónica

Evanildo Costeski, « Sentimento, Fé e Reprise em Eric Weil », *Cultura* [Online], Vol. 31 | 2013, posto online no dia 05 dezembro 2014, consultado a 04 maio 2019. URL : <http://journals.openedition.org/cultura/1826> ; DOI : 10.4000/cultura.1826

---

Este documento foi criado de forma automática no dia 4 Maio 2019.

© CHAM — Centro de Humanidades / Centre for the Humanities

---

# Sentimento, Fé e Reprise em Eric Weil

*Sentiment, Foi et Reprise chez Eric Weil*

Evanildo Costeski

---

- 1 Podemos identificar três funções principais da *reprise*: faz com que a atitude se transforme em categoria (LP, p. 98), cria a linguagem (LP, p. 99) e, por último, possibilita, tal qual o *Schéma* kantiano, a aplicação da categoria à realidade (LP, p. 82). Nas duas primeiras funções, a *reprise* é mais ligada ao *dýnamis* próprio da liberdade e espontaneidade da atitude, enquanto, na terceira, quando é compreendida como *esquema*, a retomada é um conceito puramente lógico, necessário para se pensar a relação da filosofia com a história.
- 2 De um lado, a *reprise* exerce uma função estritamente lógica dentro do sistema; de outro, ela não pertence, originariamente, ao sistema filosófico, mas ao *dýnamis* poético da liberdade humana. Por isso, apesar de seu uso lógico e necessariamente sistemático, a *reprise*, como tal, é não lógica, sujeita à liberdade violenta das atitudes humanas. Com efeito, a *reprise* é, antes de tudo, um mal entendido, um equívoco psicológico e gnosiológico da atitude consigo mesmo. Com a *reprise*, temos a impressão que somos sempre vítimas do malvado infinito das atitudes.
- 3 Por um lado, é o movimento de *reprise* que faz com que o sistema weiliano seja sempre aberto, dinâmico e consciente de seu limite diante da liberdade das atitudes; por outro lado, é o conceito de *reprise* que permite pensar a mesma liberdade dentro do discurso filosófico. O nosso objetivo é, justamente, procurar expressar melhor esse automovimento da liberdade presente na passagem da atitude à categoria, por meio das *reprises*. Antes de tudo, é preciso dizer que apenas o lógico da filosofia tem consciência das *reprises*. Para o homem da atitude, as categorias antigas são somente *ideias* através das quais ele se compreende. Ele não percebe que o conceito com o qual compreende a si mesmo é a uma *reprise* de uma categoria precedente.
- 4 Para haver o reconhecimento das *reprises* é necessário um nível de conhecimento de si que as atitudes normalmente não têm. De fato, a reflexão da atitude é, inicialmente, simples, imediata, ingênua e, conseqüentemente, não consciente de si. Por isso, é óbvio que a atitude só pode se compreender sob a forma reflexiva mais elaborada de uma

- categoria anterior. É com esse movimento reflexivo para o passado que ela passa a compreender o presente. “É através da *reprise* que a atitude se torna categoria” (LP, p. 98).
- 5 Mas o que nos interessa no momento não é a clareza reflexiva das categorias, mas, justamente, a “ingenuidade” das atitudes. Ou seja, não pretendemos falar do movimento lógico das *reprises* das categorias no interior do sistema, mas sim da passagem do não sistema ao sistema, ou melhor, da passagem do conteúdo imediato poético das atitudes à coerência discursiva das categorias, realizado, obviamente, pelas *reprises*.
- 6 Sabemos que não é possível fazer filosofia sem a mediação hegeliana. Na *Logique de la philosophie*, a categoria Absoluto é a primeira categoria da filosofia (LP, p. 341). Mas será que a realidade concreta e imediata da atitude foi, realmente, exaurida pela categoria do Saber Absoluto? Segundo Weil, é preciso admitir que o problema da “diferença” entre o saber vivido e imediato da atitude e o saber da categoria Absoluto não foi totalmente resolvido pela filosofia hegeliana. O fato de a lógica hegeliana separar a existência (*Dasein*) da realidade (*Wirklichkeit*) mostra que o absoluto não alcança plenamente o fundo da realidade. “O saber absoluto é um saber da estrutura, não do estruturado. A estrutura é inexaurível. Ela se chama *schlechte Wirklichkeit*, todavia, o fato de chamar-se *schlechte* não significa que seja menos real” (PRI, p. 50).
- 7 Sendo assim, é preciso admitir a existência de alguns limites insuperáveis para o próprio Saber Absoluto. Esse limite mostra-se evidente quando confrontado com o movimento da liberdade. É verdade que a própria liberdade, quando considerada em um plano meramente estático, torna-se, também, um absoluto. Porém, Weil defende que a liberdade seja, “dinamicamente falando”, uma libertação, não uma coisa ou um objeto do discurso. A liberdade é “repetição sempre renovada” (PRI, p. 53). “A cada momento somos encarnados e a cada momento nos desencarnamos, mas nunca totalmente”, afirma o nosso autor em 1963, na Conferência-debate sobre Filosofia e Realidade.
- 8 Desse modo, a causa última das retomadas se encontra na própria *dýnamis* infinita da liberdade *poiética* das atitudes. Por isso, se o discurso weiliano é, por um lado, aquele da coerência hegeliana, por outro lado, fica claro, também, que a liberdade da atitude permanece irredutível ao discurso mediatizado. Como afirma Weil, “a estrutura mesma do discurso é compreendida apenas sobre o fundo do que é radicalmente oposto ao discurso” (LP, p. 56). A liberdade, irredutível e incoerente das atitudes, é essencial para a compreensão do discurso coerente.
- 9 O problema é que a mediação do discurso não é capaz de apreender a realidade imediata do não discurso. Sendo assim, o mínimo que o discurso pode fazer é respeitar a livre manifestação do não discurso no discurso. Segundo nossa compreensão, um dos objetivos da *reprise* é, justamente, inserir essa realidade da não coerência — entendida como “malvado infinito” das atitudes — no discurso coerente das categorias. É somente pensando a coerência a partir da não coerência que podemos falar de um sentido da coerência ou, simplesmente, duma “coerência da coerência” ou, ainda, dum “sentido do sentido”, como fim de todo discurso filosófico.
- 10 Para expressar melhor essa passagem da não coerência à coerência ou do não discurso ao discurso, faremos uso da atitude-categoria Deus da *Logique de la philosophie*. Para Weil, é a atitude-categoria Deus que possibilita pensar o homem como sentimento. É verdade que a atitude-categoria Eu (*Moi*) já havia determinado o homem dessa forma. Porém, ali não se tinha reconhecido o sentimento enquanto tal, mas somente enquanto negado: “o eu [enquanto sentimento] não é mais que a natureza negada” (LP, p. 175).

- 11 Na realidade, o Eu (*Moi*) só existe, como tal, entre o sentimento e a razão. Ele não consegue, por si mesmo, articular essa unidade. Precisa de um Eu transcendente para, assim, poder se determinar positivamente como eu humano, sem, todavia, negar o seu sentimento. Isso só é possível através da fé: “A linguagem da fé é, assim, a linguagem do sentimento”, conquanto o homem de fé “se sente em Deus” (LP, p. 183). É a fé que possibilita ao homem *sentir* a sua própria natureza. Aliás, para o homem crente, a própria razão deve ser compreendida no sentimento da fé, pois “Deus olha o coração, não a razão” (LP, p. 182-183).
- 12 Com isso, percebe-se claramente que o discurso filosófico não pode apreender o mistério da fé, do mesmo modo que não pode exaurir o sentimento do indivíduo. “O sentimento não fala, exprime-se” (LP, p. 190), afirma Weil. Não obstante, todas as categorias filosóficas procuram falar do sentimento (LP, p. 354). Isto só é possível através das *reprises*: “O que as *reprises* permitem ao homem é, justamente, falar de seu sentimento” (LP, p. 190), porquanto é o desejo de possuir uma linguagem do sentimento que dá nascimento às *reprises* (LP, p. 192).
- 13 Nota-se, desse modo, que o objetivo principal das *reprises* é, realmente, compreender o sentimento imediato da atitude. Existe uma relação íntima entre compreensão e sentimento: “Compreender é uma atividade racional somente para o teórico da filosofia” (LP, p. 188, nota 4). De fato, no seu uso comum, a palavra compreensão é oposta ao intelectualismo, sendo particularmente “atribuída ao coração, ao sentimento”. É verdade que essa concepção opõe de forma simplista sentimento e razão, porém é suficiente para revelar a força irredutível do sentimento à filosofia (LP, p. 189, nota 4). Por isso, a filosofia deve respeitar sempre a “distância” existente entre a sua compreensão racional e a compreensão dada pelo sentimento da fé, haja vista que “razão e fé não se misturam” (LP, p. 200).
- 14 Ora, segundo a nossa compreensão, é justamente essa “distância” entre a fé e razão que possibilita o movimento das *reprises*, conquanto a supressão da “distância” implicaria, claramente, no fim das *reprises* e, conseqüentemente, no próprio fim da filosofia. Na realidade, para o pensamento humano, razão e fé sempre estiveram intrinsecamente ligadas. Percebemos isso na história da teologia natural. Para Weil, a teologia natural é um misto de sentimento e razão. Como explica Bouillard: ela é constituída por uma interpretação do sentimento religioso, da atitude pura da fé ou da categoria pura de Deus, por meio da ciência objetiva da atitude-categoria Objeto (BOUILLARD, 1989, p. 326). Desse modo, por ser uma mistura de razão e fé, a teologia racional não contém nem a pureza da fé nem a racionalidade pura da razão.
- 15 Mas a *Lógica da Filosofia* não quer desenvolver uma teologia natural, da mesma forma que não quer ser uma lógica ontológica. A fé que interessa a Weil não é a fé de uma religião positiva. Ele quer captar a fé em sua pureza natural, longe de todo dogmatismo e de todo racionalismo teológico. O cristianismo, por exemplo, não pode ser pensado sem a teologia, isto é, sem a linguagem filosófica grega. Por isso, observa Bouillard, na atitude-categoria Deus, Weil se refere mais ao Antigo Testamento, onde é mais fácil apreender a fé em sua essência, entendida como sentimento religioso; sentimento que constitui o fundo do judaísmo e do islamismo e que, vale dizer, em sua vertente mística, teve também uma função muito importante no cristianismo (BOUILLARD, 1989, p. 239).
- 16 Na verdade, é preciso dizer que a fé bíblica não é, ainda, para Weil, a expressão pura da fé. Esta é encontrada, principalmente, na tradição platônica e, em particular, no platonismo

cristão (BOUILLARD, 1989, p. 246). Segundo Weil, a importância de Platão na civilização ocidental deve-se ao fato de este ser considerado, justamente, como “o filósofo do sentimento. O amor está no centro do seu sistema”, por isso, pode-se dizer que “é o sentimento e apenas o sentimento que funda a filosofia” (LP, p. 189, nota 4). Alain Deligne, em sua introdução ao texto inédito do jovem Weil sobre Ficino e Plotino escrito nos anos 30, observa que esta nota sobre Platão na *Logique de la philosophie* tem origem, justamente, nos estudos do jovem Weil sobre o pensamento de Ficino. As noções de amor e de “sentimento”, como formas de acesso a Deus, lembram o comentário de Ficino ao *Banquete* de Platão de 1469 (in: WEIL, 2007, pp. 46-47, nota 85). Obviamente, este sentimento fundamental não pode ser explicado pelo discurso filosófico, mas apenas *exprimido* pela poesia, pelos mitos e, conseqüentemente, pela fé. Sendo assim, lembra Weil, o que caracteriza a filosofia de Platão é, sobretudo, a “sua atitude de homem crente” e, mais precisamente, o fato de o sentimento da fé permanecer indeterminado para o próprio filósofo.

- 17 O que interessa a Weil não é, portanto, o conteúdo teológico e racional da fé, mas mostrar “que a atitude da fé é sentimento e que sua linguagem é justamente a linguagem do sentimento” (BOUILLARD, 1989, p. 245), linguagem essa compreendida na *Lógica* como essencialmente poética e mitológica. Isso não significa dizer que a fé seja um mero sentimentalismo e que, por isso, deva ser desprezada pelo filósofo. Na linguagem do lógico da filosofia, dizer que a fé é sentimento significa dizer que é algo imediatamente vivido. Ora, o imediatamente vivido constitui justamente a origem da filosofia para Weil.
- 18 Desse modo, é evidente que o discurso sobre Deus da *Lógica da filosofia* não pode produzir uma teologia natural. A teologia racional conduz ao Deus dos filósofos, onde o sentimento só é compreendido enquanto pensado e, por conseguinte, enquanto negado (LP, p. 200; BOUILLARD, 1989, p. 326). Ao contrário, a linguagem da fé na *Lógica da Filosofia* é poética e mitológica. Ela é poética na medida em que “designa a existência de mundos sensatos” (BOUILLARD, p. 308). “O homem é poeta antes de ser filósofo e depois de ter sido” (LP, p. 421; BOUILLARD, 1989, pp. 307-308). Isso se aplica perfeitamente também aos profetas e crentes. Mas dizer que o filósofo é poeta e religioso antes e depois da filosofia, não significa dizer que esta deverá conduzi-lo a uma fé religiosa. A experiência religiosa é apenas um tipo de “poesia fundamental”. Existem outros tipos de poesia e de sentidos concretos além da religião.
- 19 Para Weil, a fé religiosa, ao contrário do que defende a maioria das religiões cristãs positivas, não é universalizável: “a fé não é universalizável porque depende, segundo os próprios princípios do cristianismo, de um ato livre da graça” (ECI, p. 77; BOUILLARD, 1989, p. 308). Isso indica que Weil não está preocupado com o dogma objetivo e universal da fé. Não lhe interessa aqui a dialética entre a adesão livre e pessoal a um Deus pessoal (*fides qua*) com o discurso objetivo e institucional da fé (*fides quae*). Para ele, só importa a *fides qua*, isto é, a fé enquanto sentimento imediato e subjetivo do crente.
- 20 A fé carrega um fundo religioso, poético e mitológico insuperável. No caso do cristianismo, afirma Weil, o elemento mítico da fé é revelado pela retomada da Certeza (LP, p. 314, nota 11). Segundo Bouillard, ao conduzir o crente à linguagem poética e mítica, a *Lógica da filosofia* torna possível inclusive uma nova hermenêutica teológica. Esta deve “substituir o funcionamento imaginário da representação religiosa pelo seu funcionamento simbólico” (BOUILLARD, 1989, p. 246). Deus não pode mais ser objeto de pensamento. É preciso evitar “fazer ontologia sob o título de teologia”, acrescenta Weil (LP, p. 93). Com isso, Deus deixa de ser um ser pessoal, para se tornar um ser anônimo, uma ideia de liberdade e de Sentido, uma “flecha de sentido”, como afirma Ricouer ou,

ainda, como destaca Bouillard, “o eterno presente no tempo e na história” (BOUILLARD, 1989, pp. 309-310). A eternidade da presença, diz Weil, não é uma ideia inventada: ela é ao fundo e ao ponto de conclusão de todo discurso humano (LP, p. 75). É a maneira como ele compreende a transcendência do Ser metafísico-ontológico tradicional, esse sobressair indescritível, indizível, mas capaz de fundar toda descrição, todo discurso e todo ser (LP, p. 6).

- 21 A transcendência filosófica apresenta-se de vários modos na *Lógica da Filosofia*: nas formalidades das categorias Sentido e Sabedoria; no discurso ontológico da atitude-categoria Objeto; na “fé” do progresso científico da Condição; na ideia de liberdade da Consciência; na atitude desinteressada do intelectual e assim por diante. Como o nosso objetivo é falar apenas da passagem da atitude à categoria, tentaremos mostrar agora como essa transcendência se dá no conceito de atitude em geral, destacando sua importância para o movimento das *reprises*. Para isso, faremos uso da atitude-categoria Personalidade e da *reprise* da atitude-categoria Deus.
- 22 Como já foi dito, o objetivo do discurso filosófico é determinar o sentimento imediato das atitudes. Ora, para a atitude Personalidade, o sentimento não pode ser determinado, por isso, não existe nem discurso nem razão objetiva para a Personalidade. O que existe é a presença total de si mesma, não como “um outro do sentimento, mas como o sentimento mesmo” (LP, p. 300).
- 23 Todavia, não obstante a aversão natural da Personalidade pelo discurso filosófico, é um fato inegável que “a personalidade fala; para ela é essencial falar” (LP, p. 300). Porém fala somente para despertar os que estão mortos no mundo, os que estão na inautenticidade, não para ensinar nem “para dar forma universal e definitiva” a si mesma (KIRSCHER, 1989, p. 289).
- 24 É verdade que a Personalidade se considera como discurso filosófico por excelência, isto é, como discurso absoluto. Porém, diferentemente da categoria Absoluto, o discurso absoluto da Personalidade não reconhece a mediatidade reflexiva do discurso. “A Personalidade se exprime no seu discurso, mas não se compreende nele” (KIRSCHER, 1989, p. 290), pois sabe que a linguagem usada por seu discurso é imprópria. Mas sabe, também, que a linguagem é só um meio e o que importa, sobretudo, é manter a vida sempre no conflito, em luta contra os valores mortos do mundo. A Personalidade só se realiza no presente como conflito, luta e eterna *crise* no mundo (LP, p. 321).
- 25 Em princípio, o estado de crise da Personalidade só pode ser expresso através da linguagem poética. Entretanto, se o conflito é real, é evidente que não é apenas da Personalidade, mas do mundo, isto é, “mediado” pelo mundo. Percebe-se, com isso, que a linguagem poética da Personalidade é insuficiente para compreender toda a realidade do conflito. Para compreender o seu estado permanente de *crise*, a atitude Personalidade precisa, necessariamente, das *reprises* de outras categorias. Enquanto existirem *reprises*, o homem não é, ainda, Personalidade pura.
- 26 Mas existe uma *reprise* capaz de conduzir o homem da Personalidade ao seu verdadeiro sentimento. Trata-se da *reprise* da categoria Deus (LP, p. 315). Através desta, o homem se libera do peso da certeza da tradição, sentindo-se, assim, livre para viver segundo o seu sentimento pessoal, haja vista Deus ser, plenamente, “sentimento, vida e comunhão” (LP, p. 314). Por isso, “o homem alcança de início a personalidade divina, antes de se pôr como personalidade” humana (LP, p. 315).

- 27 Na *reprise* do Deus-Personalidade, Deus é compreendido como Personalidade e a Personalidade como Deus: se Deus é homem, o homem é, também, Deus. Sendo assim, pode-se dizer que o estado de crise da Personalidade humana é plenamente absorvido pela Personalidade divina. “O conflito é em Deus, e é por Deus que o conflito é imposto ao homem” (LP, p. 314). Mais precisamente, é no céu que o homem resolve o seu conflito, pois é a partir de Deus que a Personalidade se impõe ao homem de uma vez por todas.
- 28 Destarte, é no conflito originário do Deus-Homem que a atitude Personalidade compreende o seu estado de crise. O problema é que este estado de crise engendra um paradoxo no discurso filosófico (LP, p. 316). É verdade que as categorias Deus e Personalidade renunciam livremente à coerência discursiva. Elas estão de acordo com a insuficiência do discurso filosófico; porém, discordam radicalmente do motivo: enquanto na categoria Deus o fim e o início do discurso se fundamentam na transcendência do sentimento da fé, na categoria Personalidade, o discurso se completa na própria imagem imediata do sentimento da Personalidade. Enquanto persistir o paradoxo kierkegaardiano do Deus-Homem, o estado de crise não pode ser plenamente compreendido pelo discurso filosófico.
- 29 Segundo Weil, para superar esse “paradoxo” das categorias Deus-Homem, é preciso fundamentá-lo em uma contradição de atitudes (LP, p. 316). Com efeito, não é suficiente, para a atitude da Personalidade, *saber* que possui o conflito, deve saber *ser* o próprio conflito. Ao fazer isso, a atitude Personalidade supera o paradoxo da *reprise* da categoria Deus-Homem, tornando-se, realmente, absoluta. O conflito, agora, não está mais entre Deus e o Homem, mas na própria atitude humana. “Desde que o homem tome o conflito sobre si tal como é, o Deus transcendente desaparece, céu e terra se confundem” (LP, p. 316). A fé deixa de ser voltada para um Deus transcendente, para se tornar “fé do homem em si mesmo” (LP, p. 316). Com isso, o homem descobre “o seu próprio fundo” e o segredo das *reprises* é revelado, a saber, que elas pertencem originariamente às atitudes e que almejam determinar a natureza imediata do homem.
- 30 Com isso, retornamos ao início dessa exposição. As *reprises* dependem das atitudes, mais precisamente, da “ingenuidade” das atitudes. São as reflexões simples das atitudes que revelam a verdade de si mesmas nas categorias mais reflexivas, as quais, por sua vez, acabam, infelizmente, ontologizando o discurso originário livre das atitudes. Em nossa opinião, cabe à fé, entendida como expressão poética criadora de sentido da atitude, sustentar, em um primeiro momento, a transcendência ou “distância” da atitude em relação a esse processo de universalização do discurso ontológico das categorias.
- 31 Weil não cansa de dizer que a filosofia tem sua origem em um ato livre, não necessário. Entretanto, este não deixa de ser um ato de fé individual, uma “crença” da razão em uma categoria, produzida, justamente, pela busca de compreensão da atitude. Isso mostra, então, que a fé tende igualmente a se identificar com o discurso filosófico. Não existe discurso filosófico sem a fé da atitude na categoria ou, simplesmente, sem a fé da razão. Podemos pensar aqui na fé da razão tratada por Weil no artigo sobre a moral de 1976, considerada como uma metalinguagem da moral (PRI, p. 276, nota 2), necessária para o filósofo agir no mundo contra a violência.
- 32 Mas a ideia de uma Presença, de uma unidade primeira, do eterno na história, extrapola os limites do discurso ontológico universal. Por isso, a “separação” entre a fé e a razão permanece fundamental para o filósofo: enquanto a fé é sempre individual, a razão tende naturalmente ao universal. Toda unidade deve ser pensada a partir da distância. A



unidade da fé da razão não pode eliminar totalmente a “separação” natural da *fides et ratio*. Segundo Weil, o problema da fé da razão só pode ser considerado a partir da *diferença* entre a razão-entendimento e a razão-moral (in: KRÜGER, 1961, p. 9). A filosofia é sempre recomeço, isto é, é sempre retorno ao sentimento imediato da atitude e, conseqüentemente, à transcendência da atitude em relação às categorias. Sem a fé da atitude, ou melhor, sem o sentimento de que a atitude é absolutamente livre e de que ela pode sempre criar e produzir a partir de si mesma, não haveria nenhuma possibilidade da atitude se revelar à razão e às categorias, através das *reprises*, sem sucumbir à tentação do discurso ontológico.

- 33 É verdade que o todo da realidade se apresenta em um primeiro momento através de uma verdade ontológica, entendida como Ser, Deus ou, no caso de Hegel, como Saber Absoluto. Entretanto, quando o filósofo da *Logique de la philosophie* compreende que o Saber Absoluto é apenas uma ideia formal para a liberdade, enquanto sentimento da Presença, poder se realizar na história, o Sentido passa a ser visto não mais como uma totalidade objetiva ontológica, um Saber Absoluto único, mas como uma realidade plural presente-ausente nas diversas atitudes humanas. Desse modo, o movimento livre das *reprises* indica, para o filósofo da *Lógica da Filosofia*, a própria superação do discurso ontológico, ou melhor, a ideia de que a liberdade deve permanecer vazia, diante de uma Presença que se apresenta, ainda, como ausente para o sentimento da atitude. Aliás, é mais ou menos assim que S. Paulo define a fé (*pistis*), “a substância daquilo que ainda se espera; a demonstração de realidades que ainda não se veem”.<sup>1</sup>
- 34 Para o homem crente a fé é um ato de graça. Weil recolhe esse ensinamento bíblico e aplica-o ao conceito de atitude, interpretando-o como o próprio ato individual de liberdade, puramente natural e vazio do ponto de vista ontológico, ou seja, de sua relação com um Ser transcendente objetivo ou com um discurso universal positivo da realidade. A fé é simplesmente uma força natural, o que tem de mais íntimo na atitude humana, a “alma” da atitude, o sentimento da liberdade, a sua transcendência imanente, o seu poder criador. Tanto a filosofia quanto a ciência, a poesia e a religião, bem como a violência historicizada, têm nesse ato livre a sua origem.

---

## BIBLIOGRAPHY

BOUILLARD, H., “Philosophie et religion dans l’oeuvre d’Eric Weil”, in: *Vérité du christianisme*. Paris: Desclée de Brouwer, 1989, pp. 233-316.

----. “Transcendance et Dieu de la Foi”, in: *Vérité du christianisme*. Paris: Desclée de Brouwer, 1989, pp. 317-354.

COSTESKI, E., *Atitude, Violência e Estado Mundial Democrático. Sobre a Filosofia de Eric Weil*. São Leopoldo: Unisinos; Fortaleza: UFC, 2009.

DELIGNE, A., “Introduction”, in: E. WEIL, *Ficin e Plotin*. Tradução francesa de A. Deligne e M. Engelmeier. (Edição Belíngue). Paris: L’Harmattan, 2007, pp. 15-89.

KIRSCHER, G., *La philosophie d’Eric Weil*. Paris: PUF, 1989.



LEJBOWICZ, M., “La Foi comme attitude et la raison como discours catégorial”, in: *Cahiers Eric Weil II. Eric Weil et la pensée antique*. Lille: Presses Universitaires de Lille, 1989.

WEIL, E., *Logique de la philosophie*. Vrin, 1996. [LP]

----. “Christianisme et politique”, in: *Essais et conférences*, vol. II, 1991, pp. 4-79. [ECI]

----. “Philosophie et Réalité”, in: *Philosophie et Réalité*. Derniers essais et conférences. Paris: Beauchesne, 1982, pp. 23-57. [PRI].

----. “Preface”, in: KRÜGER, G. *Critique et morale chez Kant*. Paris: Beauchesne, 1961, pp. 5-11.

----. “Faudra-t-il de nouveau parler de morale?”, in: *Philosophie et Réalité*. Derniers essais et conférences. Paris: Beauchesne, 1982, pp. 255-278. [PRI].

## NOTES

1. *Est fides sperandarum substantia rerum, argumentum non apparentium* (HB, 11,1). Como nota M. Lejbowicz, essa afirmação bíblica da Carta aos Hebreus será uma das bases principais para a compreensão da *Fides et Ratio* na filosofia patrística e medieval (1989, pp. 119-129).

## ABSTRACTS

O presente artigo pretende explicitar a passagem da atitude à categoria realizada, na *Logique de la Philosophie*, através do conceito de *reprise*. Para isso, será usado o conceito de fé, entendido, evidentemente, não como fé teológica pertencente a uma determinada religião positiva, mas como expressão pura do sentimento individual.

L'article analyse le passage, décrit dans la *Logique de la Philosophie*, de l'attitude à la catégorie par le biais du concept de *reprise*. Pour cela le concept de foi est utilisé, non pas en tant que foi théologique propre à une religion positive mais en tant que expression pure du sentiment individuel.

## INDEX

**Palavras-chave:** fé, transcendência, razão

**Mots-clés:** foi, transcendance, raison

## AUTHOR

EVANILDO COSTESKI

Universidade Federal do Ceará.

Possui graduação em Filosofia pela Universidade do Sagrado Coração, mestrado em Filosofia pela Pontifícia Universidade Gregoriana (1997) e doutorado em Filosofia pela mesma Universidade

(2004), com uma tese sobre o conceito de Atitude em Eric Weil. Professor Associado I da Universidade Federal do Ceará. Tem experiência na área de Filosofia, com ênfase em Filosofia Política e Filosofia da Religião. Publicou, pela editora Unisinos, São Leopoldo: *Atitude, Violência e Estado Mundial Democrático. Sobre a Filosofia de Eric Weil*, em 2009.

Professeur de l'Université Fédérale du Ceará. Licence en Philosophie (Universidade do Sagrado Coração), Master en Philosophie (Université Pontificale Grégorienne, 1997), Doctorat en Philosophie (Université Pontificale Grégorienne, 2004), ayant soutenu une thèse sur l'attitude chez Eric Weil. La philosophie constitue son domaine d'enseignement et de recherche, en particulier la Philosophie politique et la Philosophie de la religion. Il a publié le livre *Atitude, Violência e Estado Mundial Democrático. Sobre a Filosofia de Eric Weil*, São Leopoldo, Unisinos, 2009.